

**VOU-ME EMBORA PARA NÁRNIA: LITERATURA E ESPIRITUALIDADE
NO ENSINO RELIGIOSO**

**I'M GOING TO NARNIA: LITERATURE AND SPIRITUALITY
IN RELIGIOUSNESS LEARNING**

Débora Cristina Santos e Silva
(Universidade Estadual de Goiás / MIELT)

RESUMO: Tendo em vista o contexto que envolve o Ensino Religioso na sociedade contemporânea e as demandas da formação interdisciplinar, esse artigo apresenta as reflexões provenientes de uma pesquisa realizada pelos professores da disciplina Literatura e Múltiplas Linguagens, ministrada no âmbito do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no intuito de responder ao desafio de ministrar o Ensino Religioso para formar sujeitos autônomos, que exerçam sua cidadania e seu papel social e reconheçam na espiritualidade uma necessidade inerente ao ser humano, em sua integralidade. A pesquisa teve como objetivos: - discutir os aspectos implicados no papel do Ensino Religioso para a capacitação do professor, no que concerne à formação integral do profissional docente frente às demandas que se lhe apresentam no cotidiano escolar; - desenvolver estudos comparados de linguagem, literatura, arte e religiosidade na sociedade contemporânea; - verificar as possibilidades de leitura, criação e construção de sentidos da espiritualidade do aluno frente ao contexto multicultural da Cibercultura e - criar estratégias metodológicas criativas para um ensino religioso, por meio da literatura e das artes, em ações colaborativas, no ambiente escolar. A metodologia consistiu na revisão sistemática de literatura teórica e documental sobre o tema, com ênfase na análise qualitativa e exploratória. Foram elaboradas pelos mestrandos propostas de transposição didática dos conteúdos relativos aos estudos interdisciplinares de literatura e espiritualidade. Os resultados mostraram que o trabalho pedagógico – realizado nos campos da Literatura e do Ensino Religioso – reafirma a proposta interdisciplinar, que se apresenta como uma alternativa interessante para a formação do aluno em sua totalidade histórica e cultural, por meio de uma visão aprofundada e crítica da educação, o que permite a germinação de consciências e diferentes posturas, baseadas no diálogo entre os diferentes e na aprendizagem colaborativa.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Espiritualidade. Literatura. Ensino Religioso

ABSTRACT: Focusing in the context of Religious Education in contemporary society and the demands of interdisciplinary training, this article presents the reflections from a survey conducted by Literature and Multiple Languages Professors; discipline administered within the Interdisciplinary Master of Education, Language and Technologies (MIELT), located at State University of Goiás (UEG), Brazil. Its challenge was to minister Religious Education to form autonomous individuals able to exercise their citizenship and their social role, and at the same time able to recognize spirituality as a necessity inherent to human beings, in their completeness. The survey's goals were: - To discuss the issues involved in the role of Religious Education for teacher training, specially to their integral formation as professional teachers (Professors), compared to the demands that are presented to them in everyday school life; - To develop language studies between literature, art and religion in contemporary society; - To explore the possibilities of reading, creating and building skills of the students, facing their spiritual sense of the multicultural context of cyberculture and, for last; - To built creative methodological strategies for a religious education, through literature and the arts, through collaborative actions in the school environment. The methodology consisted of a systematic

review of theoretical and documentary literature on the subject, with an emphasis on qualitative and exploratory analysis. As subjects studied on this research, Masters students have planned some didactic transpositions of the contents about the interdisciplinary study of literature and spirituality. The results showed us that the pedagogical work - performed in the fields of Literature and Religious Education - reaffirms the interdisciplinary approach, which is presented as an interesting alternative for the students' education in their historical and cultural wholeness, through a deep and critical education point of view, which enables the germination of consciousness and different attitudes, based on dialogue between the different and collaborative learning.

KEYWORDS: Interdisciplinary Studies. Spirituality. Literature. Religious Education.

INTRODUÇÃO

O século XXI se apresenta como um grave momento na história da Humanidade. Efetivamente, a sociedade vivencia uma crise institucional de grandes proporções, pois as instituições que sustentaram a modernidade entraram em colapso: a Família, a Igreja e o Estado. Isso porque o novo pluralismo cultural e filosófico, intensificado pela democratização dos meios de comunicação, desestruturou definitivamente o senso ético social, e não há mais lugar para um único referencial que se constitua como estrutura sustentadora da sociedade e do Estado. Nesse contexto de descentralização política e econômica, do fim das nacionalidades e da revisão de paradigmas, é inegável a crise de valores que se instaura nas relações sociais cotidianas.

Por outro lado, entretanto, como consequência mesma desta crise, jamais se viu semelhante ebulição, em todo o mundo, de movimentos culturais e humanitários, de criatividade artística e de novas descobertas científicas. Os saberes se socializam e se reformulam em todos os campos do conhecimento e em todas as dimensões do humano: do íntimo do indivíduo ao social e político, da matéria elementar ao metafísico e místico, da pura intuição existencial ao complexo racional e científico. Hoje, mais que em qualquer outra época, o ser humano dispõe de meios para uma sistematizada compreensão de si mesmo e do Universo. As polarizações podem ser encontradas em todos os níveis: científico-tecnológico, político-econômico, humano-social, filosófico-ideológico, teológico-religioso.

Diante desse cenário, instaura-se obviamente a crise da escola, uma vez que as dissecações e segmentações dos objetos de conhecimento tornaram o estudante um ser fragmentado, com enorme dificuldade de estabelecer relações entre os conteúdos, problematizados pela escola e a própria vida.

De fato, as dicotomias manifestadas em diferentes planos existenciais adquiriram contornos universais com a vertiginosa aceleração das comunicações e a incursão da Humanidade na era das tecnologias digitais. A esse respeito, Lévy, em seu texto “Os três tempos do espírito”, recorrendo ao arcabouço teórico da Psicologia Cognitiva, defende que as tecnologias intelectuais são responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes. Para o autor, elas não determinam, mas “condicionam processos cognitivos e discursivos de uma dada sociedade” (LÉVY, 1990, p. 101ss). Nesse texto, o filósofo resgata o *modus vivendi* das civilizações nômades, que estiveram sob o signo da oralidade primária, baseada essencialmente no mito – identificado como um instrumento de inscrição que constituía a memória dessas sociedades por meio de estratégias mnemônicas, tais como a personificação, a dramatização, os cantos, as danças e as narrativas orais. Com o aparecimento da escrita, já no contexto das sociedades agrícolas, a história humana passou a se inscrever no papiro e na argila, donde “página”, de “pagus”, do latim “campo do lavrador” (LÉVY, 1990, p. 112). A palavra escrita passou, então, a ser o “sopro na argila”, a força dinâmica propulsora do novo mundo que aparece com o nascimento da História, uma vez que, ordenando o tempo, estabelece marcos e define fronteiras, dissipando o caos e rompendo o devir, próprio do tempo mítico.

Nesse sentido, o processo de racionalização que acometeu o Ocidente veio em prejuízo de toda e qualquer espiritualidade. De acordo com Pondé (2003), o grande desvio que se deu no Cristianismo, e que o transformou numa abstração vazia e num discurso puramente racional, veio com o pensamento tomista medieval, tornando a teologia uma ciência racional. Assim, a experiência religiosa deixou de ser uma experiência mística, que consiste em “uma cognição experimental de Deus [...] uma mística do *affectus* e não do *intellectus*” (PONDÉ, 2003, p. 49,50). É assim que própria crise histórica afastou gradativamente o homem ocidental de suas tradições, do saber baseado na experiência, das vivências sociais das culturas locais, e o levou a buscar novos caminhos nos âmbitos da Filosofia, da Ciência, das Artes e da Literatura.

Como bem assinala Morin (2008), as novas concepções epistemológicas demandam a passagem, iminente e necessária, do pensamento dualista cartesiano (o paradigma da simplicidade) ao pensamento complexo, que admite o caráter multidimensional de qualquer realidade (o paradigma da complexidade). Nesses termos, defende, ainda, Morin (2008, p. 9): “Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadoros do pensar, mas recusa as

consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais [...] Nesse sentido, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional”.

É nesse cenário multi e controverso que o educador se encontra, desafiado pelo papel fundamental que ocupa na formação do sujeito contemporâneo, com o fim de capacitá-lo a exercer sua cidadania com responsabilidade social e comprometimento ético, sem esquecer das prerrogativas da autonomia e da identidade.

Ressalta-se, nesse contexto, a necessidade de possibilitar o diálogo interdisciplinar entre as diversas áreas do saber e as diferentes dimensões do humano, tendo em vista as suas necessidades físicas, materiais, intelectuais, afetivas e espirituais.

Este artigo se desenvolve, portanto, como uma proposta metodológica de abordagem do ensino religioso na formação de professores, em nível de *Stricto Sensu*, no sentido de capacitar o docente a lidar com essa realidade multicultural e complexa, a fim de preparar-se para exercer a docência, contemplando adequadamente os aspectos essenciais da constituição humana de seus alunos.

O despertar da espiritualidade

“O homem é um ser teológico?” É a questão levantada pelo professor e pesquisador Manoel Bueno de Britto, em seu breve e instigante ensaio “O ser teológico” (1994), quando assinala, citando indiretamente o físico brasileiro André A. Abramczuk, que reafirma em sua obra *O mito da ciência moderna* (2003), que a ciência, ao pretender abolir o que chamou de mitos, crenças e superstições, não apenas o fez, mas criou para si novos mitos, certezas e dogmas. Assim, os homens de hábitos negros foram substituídos pelos homens de jaleco branco, e o discurso científico baseou-se tão somente no “mito do progresso”, que varreria da terra todos os males e traria ao mundo um novo alvorecer! Mas a Aurora que viria não se mostrou tão iluminada pelas Luzes da Razão, pois o avanço da ciência moderna possibilitou grandes saltos na civilização, mas provocou a fragmentação do ser, a neutralidade de sentimentos e valores humanos, a unilateralidade da visão do homem. A concepção de vida em sociedade passou a ser uma luta competitiva pela existência, pela crença na realização e no sucesso pessoal, na obtenção de bens materiais.

Desta forma, o homem alienou-se da natureza, do trabalho e de si mesmo. Dividido no conhecimento, dissociado de suas emoções, com a mente técnica e o coração vazio, sem trabalho digno e satisfatório, o homem foi criando um mundo envolto em conflitos, sem solidariedade e cooperação. A esse respeito, assinala igualmente o cientista Silvio Meira, por

dezoito anos diretor-presidente do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR), em palestra no Café Filosófico de 24/04/2015, que a humanidade passou, desde a irrupção da modernidade, por três grandes ondas de inovação: a inovação eletrônica, a de softwares em rede e a de sistemas em rede. E diante de um mundo cada vez mais complexo, deu-se um processo de degenerescência das relações interpessoais. Isso veio, é evidente, em prejuízo dos valores éticos, da moral e da própria espiritualidade. Todo esse processo que culminou na Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), acabou por alcançar um ponto de saturação cuja resposta só pode ser a de um movimento contrário de mesma intensidade. É assim que se verifica, atualmente, um despertar da espiritualidade. Nesse aspecto, Boff (2001, p.18) nos adverte de que “a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do ser humano, como o momento necessário para desabrochar pleno de nossa individualização e como espaço de paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais”.

É assim que o anseio pela espiritualidade pode ser percebido em muitos aspectos no cotidiano do homem contemporâneo: a busca de sentido para a vida e a própria questão ecológica. Por isso, para atingir a espiritualidade, para aprender o ser em toda sua plenitude, é preciso ir mais além, superar a si mesmo, resgatar a subjetividade humana, entrar em comunhão com o divino e com o outro, compreendendo-se parte integrante do universo, em consonância com os valores da vida. Portanto, resgatar a espiritualidade na educação significa incentivar os alunos a envolver-se em um mundo reflexivo, de diálogo, de contemplação do divino, a fim de restabelecer vínculos humanos perdidos com os avanços tecnológicos. A ciência muito contribuiu para o desenvolvimento humano, mas também isolou as pessoas, criando um mundo observável e, agora, um mundo virtual, abstrato, quase irreal. A educação deve alimentar não só os aspectos intelectual, emocional, social e artístico do aluno, mas também o seu espírito.

Na mesma linha de reflexão, esclarece Pondé (2003, p. 27 - aspas do autor) que “a chamada filosofia religiosa ‘pessimista’ de autores como Agostinho, Pascal, Lutero, Kierkegaard, Dostoiévski [...] é uma tentativa de romper, em vários momentos da história ocidental, com a ilusão naturalista que implica o esquecimento da presença ativa do Transcendente no Homem.” É aí que reside a grande dificuldade do diálogo entre Ciência e Religião, uma vez que sempre que se tenta falar do *insight* religioso em termos de linguagem filosófica ou científica, o que se tenta fazer é sempre uma “tradução” entre duas línguas em nada semelhantes. O que resultará disso será sempre um tipo de “logotropia” (PONDÉ, 2003,

p. 65). Desta forma, conclui Pondé (2003, p. 111, citando EVDOKIMOV, 1979): “A razão é *deífuga*, isto é, o discurso não contém e não pode conter Deus: querer enquadrar Deus ou os indivíduos que conhecem Deus ou a fala desses indivíduos nos esquemas da razão significa, na verdade, fugir de Deus.”

Nesse particular, não se pode deixar de citar aqui a fala do personagem Riobaldo, protagonista angustiado de *Grande Sertão: Veredas*, de Rosa, quando reafirma: “Estremeço. Como não há Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas se não tem Deus, há de a gente perdidos no vaivém e a vida é burra [...] *Deus existe mesmo quando não há*”. (ROSA, 1990, p. 47 - grifo nosso). Essa é uma passagem curiosa, quando se interpreta o termo “existência” (*ex-sistere*), o ser-fora-de-si, na concepção heideggeliana (LALANDE, 1996), da ordem da contingência, Deus não precisa existir porque Ele é. O próprio Ser, o *Eu Sou* mosaico, o sem Nome! (Êxodo 3:14). Não está condicionando a nenhuma contingência, a nenhuma inscrição, a nenhum nome. Por isso, não se pode apreendê-lo no nível do *Phaenomenon*, a não ser no nível do *Noumenon*. A experiência numinosa é a única que nos permite o contato com este ser supremo. O numinoso é a propriedade misteriosa de eventos ou seres reais ou imaginários, descritos por Lewis como aparentemente “iluminados por uma luz de outro mundo” (LEWIS, 1998, p. 227). É quando se ultrapassa o plano psicológico e se alcança o plano *pneumatológico* – o plano espiritual propriamente dito, no sentido radical do termo – “esse lugar do *Santo dos Santos*, que é o núcleo ou centro da personalidade, não se pode definir, pois não se tem acesso direto a ele [...] As únicas linguagens possíveis de alcançar esse plano são as da Religião e da Literatura” (PONDÉ, 2003, pp. 170, 171 - grifos do autor).

Há que se ressaltar, porém, que o cultivo da espiritualidade não se restringe ao plano religioso, sobretudo quando isso se refere tão somente a professar-se um credo religioso específico. Para tratar de assunto, no mínimo, controverso, é que o filósofo e ateu convicto Alain de Botton escreveu seu livro *Religião para ateus* ([1969], 2011). Nessa obra, o filósofo confere um novo contorno à espiritualidade, afastando-a do desgastante debate acadêmico sobre a existência de Deus e a veracidade das religiões, e destacando a significativa contribuição das religiões nos processos sócio-históricos e culturais da Humanidade, na configuração das bases éticas e morais das sociedades, dos códigos de comportamento e das relações humanas. Assinala, na introdução de sua obra, o autor:

As religiões merecem nossa atenção pela sua absoluta ambição conceitual, por mudarem o mundo de uma maneira que poucas instituições seculares

fizeram. Elas conseguiram combinar teorias sobre ética e metafísica com um envolvimento prático em educação, moda, política [...] arte e arquitetura – uma gama de interesses que eclipsa a extensão de conquistas até mesmo dos maiores e mais influentes movimentos e indivíduos seculares da história. [...] é difícil não ficar fascinado por exemplos dos movimentos de maior sucesso educacional e intelectual que o planeta já testemunhou (BOTTON, 2011, p. 17).

Nessa perspectiva, a ação educativa deve aproximar-se de um reconhecimento do papel fundamental da religião na vida prática dos indivíduos, ao invés de manter uma atitude desconfiada e preconceituosa de ranço acadêmico, uma vez que existem diferentes dimensões da vida em que se pode buscar a espiritualidade, para além da atitude confessional individual – embora esta inegavelmente a integre –, conforme ressalta Johnson (1999, apud YUS, 2002, p. 121): a) *espiritualidade como autorreflexão*: habilidade de olhar para si mesmo, de compreender motivos e emoções pessoais, de refletir sobre a vida, de estabelecer e controlar metas consideradas vitais; b) *espiritualidade como emoção*: busca o sentido de reverência, de respeito, de apreço e de amor pelas pessoas, pelo universo e sua biodiversidade, incutindo no ensino uma excitação por aprender, explorar, compartilhar e estimular as emoções dos alunos, principalmente, as emoções mais difíceis, obscuras; c) *espiritualidade como moralidade*: a moralidade centrando-se em princípios, regras e emoções, estabelecidas entre as pessoas num relacionamento com os demais e com o mundo.

Além disso, a espiritualidade ajuda o aluno a compreender que o conhecimento não se processa tão-somente pelo caminho da ciência – inteligível, observável, racional – mas pelo caminho da intuição, da interioridade profunda, alimentada pela reflexão. Um movimento interior que coloca o aluno em contato com os outros, que traduz um conjunto de relações entre o ser humano e a natureza: relações de respeito às diferenças, de solidariedade, de compaixão, de partilha, reforçando a noção de complementaridade entre eles.

De fato, muitas são as formas de inserção da espiritualidade no ambiente escolar, incluindo a análise de obras artísticas e literárias. Enfim, todas partem da comunhão de sentimentos e impressões, do encontro entre subjetividades.

Da pesquisa e seus procedimentos

Tendo em vista o contexto explicitado, esse trabalho apresenta as reflexões provenientes de uma pesquisa realizada pelos professores que ministraram a disciplina **Literatura e Múltiplas Linguagens**, com carga horária de 60 horas, no primeiro semestre letivo de 2015, no âmbito do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e

Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). A pesquisa teve como objetivo geral: Discutir os aspectos implicados na relevância do Ensino Religioso para a capacitação do professor, no que concerne à formação integral do profissional docente frente às demandas que se lhe apresentam no cotidiano escolar, bem como responder ao desafio de ministrar o Ensino Religioso com o intuito de formar alunos-sujeitos autônomos, que exercem sua cidadania e seu papel social, e reconhecem na espiritualidade uma necessidade inerente ao ser humano em sua integralidade.

Sendo assim, a proposta teve como objetivos: a) Desenvolver estudos comparados de linguagem, literatura, arte e religiosidade na sociedade contemporânea; b) Discutir as possibilidades de leitura, criação e construção de sentidos da espiritualidade do aluno frente ao contexto multicultural da Cibercultura; c) Criar estratégias metodológicas criativas para um ensino religioso, por meio da literatura e das artes, em ações colaborativas no ambiente escolar.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos regulares da turma IV do MIELT, além de alunos ouvintes, que desenvolveram um trabalho pedagógico de Transposições Didáticas como atividades aplicadas de Ensino Religioso. Essas atividades foram apresentadas e discutidas nos Seminários Intersemióticos, realizados ao final do processo.

Os procedimentos da pesquisa foram: a) Pesquisa bibliográfica, com revisão sistemática de literatura que contemplasse os tópicos relativos a uma contextualização do ensino religioso na Cibercultura, tendo em vista o cenário multicultural e interativo da sociedade contemporânea, assim como as diversas possibilidades de confluência de linguagens e convergência de mídias; b) Discussão e análise interpretativa de textos literários selecionados previamente e apresentados por meio de Transposições Didáticas em Seminários Intersemióticos, ao final do semestre.

Nesse contexto, foram propostas leituras para discussão dos processos que constituíram o ensino religioso na sociedade brasileira, desde que se deu sua normatização, na forma de Lei n. 9.394/96 e se estabeleceram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para sua efetiva execução na escola – cabe lembrar que os PCN de Ensino Religioso foram elaborados pelo Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso e não foram aprovados pelo Ministério da Educação como aconteceu com os PCN das demais disciplinas curriculares. É assim que a pesquisa contemplou, em seus conteúdos, os processos de mediação na Cibercultura, tendo como módulos temáticos: a) A Cibercultura, suas linguagens e interações

sociais; b) As questões do Ensino Religioso na escola pública e c) O ensino religioso e a fruição da Literatura e das Artes.

A partir dessas leituras, vários questionamentos foram levantados pelos sujeitos da pesquisa: Qual o significado de se oferecer um ensino religioso na escola atual? Em que bases teórico-metodológicas esse ensino deve firmar-se? Como promover o diálogo inter-religioso no âmbito escolar? É possível alcançar o diálogo entre as religiões no ambiente escolar? Qual o papel da espiritualidade na formação integral do sujeito que pretendemos formar?

Nesse último ciclo de debates, deu-se a apresentação e discussão dos Seminários Intersemióticos, nos quais foram articulados temas da literatura e das poéticas digitais, num diálogo possível com a religião, tendo como foco a discussão da espiritualidade humana: 1) LEWIS, C. S. As crônicas de Nárnia: *O Leão, a feiticeira e o Guarda-roupa* (2ª crônica): Análise da linguagem religiosa presente na obra de C.S. Lewis; 2) Literatura e Religião: A poética religiosa de Adélia Prado.

Os mestrandos desenvolveram, assim, propostas inovadoras e criativas de trabalho pedagógico com os temas e obras propostas, o que gerou um instigante debate e suscitou novas discussões e problemas de pesquisa para projetos futuros.

Entre as sombras de Nárnia: percursos transtéticos

É notável que um professor universitário, pesquisador e conferencista do nível de Lewis tenha escolhido justamente literatura de cunho alegórico como veículo disseminador de sua cosmovisão e ideais religiosos. Mas em suas obras Lewis demonstra que o uso da alegoria é uma questão de necessidade filosófica, uma vez que esta reflete a natureza e os limites da linguagem humana (McGRATH, 2013). É assim que nos aproximamos da Poesia, como Substância suscitada dos textos de C. S. Lewis – bem como de Adélia Prado – num diálogo interdisciplinar e transtético, sob a perspectiva de uma hermenêutica transcendente. A “terra de sombras” que se configura na linguagem alegórica de Nárnia, representa justamente a visão do homem que, ao sair da “caverna”, alcança o numinoso, numa experiência com a Alegria (conceito que possui um significado diferenciado na obra de Lewis, aproximando-se da noção de epifania).

Em Nárnia, Lewis efetivamente convida seus leitores a entrar num mundo artificial construído pela linguagem. Assim, as crônicas de Nárnia são uma exploração narrativa de uma possibilidade interessante, um exercício literário cuja força centrípeta é o mito. Tendo por trás da figura do velho e instigante professor a voz incisiva de um supernarrador, o

filósofo delineia, pelos meandros da alegoria, todo o conjunto de princípios e valores cristãos que representam sua própria cosmovisão. Não obstante sua relevância antropológica, o mito, segundo Morin (2003, p. 27) “sempre foi considerado pela razão fria como um epifenômeno superficial e ilusório [...] para o século XVIII, a religião representava uma fraude para iludir os pobres [...] esse mesmo século não soube compreender as raízes profundas da necessidade religiosa e, muito menos, da necessidade de salvação”.

Contrariamente, ao longo de sua carreira, Lewis dedicou-se com intensidade ao estudo da mitologia e destacava a função da literatura para a formação do caráter de seus alunos, tanto como instrumento de enriquecimento cultural quanto de desenvolvimento da sensibilidade religiosa. Para ele, a literatura nos oferece um modo diferente de ver as coisas, abrindo-nos os olhos para a novas perspectivas de avaliação e reflexão. Para Lewis (2009), a leitura literária nos permite não somente conhecer plenamente as opiniões, mas também as atitudes, os sentimentos e a experiência total de outras pessoas. E isso se relaciona com o que Platão entendia como *psychagogia*: uma ampliação da alma. (McGRATH, 2013).

Conquanto Lewis, um medievalista de formação, tenha complementado a fauna de Nárnia com seres ficcionais das mitologias grega, latina e nórdica, como, por exemplo, centauros, faunos, anões, feiticeiras e driades, além de recorrer à personificação de árvores, neve, seres estelares, rochas e animais,¹ não há dúvidas de que a base de toda a efabulação de das crônicas de Nárnia é a Bíblia. A relação com o livro sagrado se mostra logo a princípio, quando Lewis chama os personagens humanos que visitam Narnia “de Filhos de Adão e Filhas de Eva” (LIRA, 2011, p.53). Dessa forma, fica evidente ao leitor que as crianças são a representação bíblica do homem e da mulher, numa alusão clara à origem adâmica dos seres humanos.

Efetivamente, na galeria de animais fantásticos e seres mitológicos, uma figura central se destaca em Nárnia: a do leão Aslam. E isso faz todo sentido, tanto do ponto de vista literário quanto teológico. O leão é, no relato bíblico, o tipo de Cristo. Na tradição judaico-cristã, Ele é o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi. O aspecto alegórico que mais se destaca nessa figura é sua aproximação com o Numinoso: o leão é indômito, uma criatura magnífica e assombrosa, que não se pode domesticar. Assim, Aslam aparece como o Redentor de um mundo em caos, para o qual somente Ele seria a salvação: “Então, um dos anciãos me falou: ‘Não chores! O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete

¹ As ricas descrições de animais das crônicas de Nárnia são provenientes dos “bestiários” da Idade Média – relatos clássicos da vida de animais que enfatizam suas identidades e seus papéis distintos na ordem da criação (McGRATH, 2013, p. 291).

selos!” (Apocalipse 5:5). Curiosa ainda a relação dessa passagem dos sete selos com os sete mundos representados em Nárnia pelos sete planetas (na visão geocêntrica medieval) correspondentes a cada uma das sete crônicas: 1. Júpiter, 2. Marte, 3. Sol, 4. Lua, 5. Mercúrio, 6. Vênus e 7. Saturno. Segundo McGrath (2013, p. 311), “Lewis considerou essa composição como parte de um sistema simbólico imaginativamente satisfatório e poeticamente rico”.

Nárnia é, enfim, a “terra das sombras”, mas também a terra das visões espirituais: um mundo que só pode ser vislumbrado por uma fé robusta e graciosa, capaz de vencer o cinismo e o ceticismo; um mundo em que os personagens aprendem a lidar com suas próprias dúvidas e a presença contingente do mal. Raramente uma obra literária teria aliado tanto vigor narrativo, discernimento espiritual e sabedoria pedagógica. (McGRATH, 2013). Nos caminhos sugestivos de Nárnia, a expectativa de uma espiritualidade viva e dinâmica se nos apresenta, instigando-nos a desenvolver nossa dimensão transcendente e poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa em torno do trabalho pedagógico no âmbito da espiritualidade, da literatura e da religiosidade reafirma que a proposta interdisciplinar surge como uma oportunidade de perceber o aluno em sua totalidade histórica e cultural, por meio de uma visão aprofundada e crítica da educação. Ela possibilita a germinação de consciências e diferentes posturas, baseadas na pesquisa, no diálogo e na aprendizagem colaborativa.

A sala de aula para o professor deve transformar-se em um espaço promissor de pesquisa, no qual a reflexão sobre a ação pedagógica expõe problemas concretos, vivenciados e refletidos, retomando as soluções aplicadas e partilhando-as com os demais colegas, a fim de valorizar a experiência e refletir sobre ela. A ação educativa deve pautar-se numa dinâmica cíclica, em constante construção, que transforma seu caminhar em um longo percurso, capaz de fornecer ferramentas para ajudar o aluno a compreender sua inserção na vida familiar, social e profissional – e isso inclui, sem dúvida, a dimensão espiritual.

Efetivamente, o trabalho interdisciplinar oportuniza enfoques para os múltiplos conhecimentos que emergem no ambiente acadêmico e escolar, como também favorecem o olhar plural do aluno nas relações interpessoais e profissionais. Perceber-se interdisciplinar é compreender que as áreas do conhecimento, as diferentes culturas e os diferentes saberes que permeiam o ambiente escolar, interagem e favorecendo a compreensão do ser individual em meio a um contexto global.

De fato, cabe ao profissional da educação, aventurar-se a viver a alteridade, a assumir a consciência da ruptura, por meio da qual a ideia de morte em si mesma não traz, necessariamente, a de finitude. O professor deve abrir-se para uma relação de entendimento com seu aluno, buscar compreendê-lo por inteiro: corpo e alma, mente e espírito, no intuito de favorecer seu equilíbrio emocional, sua comunicação cognitiva e corporal.

Assim, o ensino religioso poderá contribuir para minimizar as evidentes distorções de um processo de fragmentação do humano, permeado por visões reducionistas das religiões que apenas fomentam o preconceito e a discriminação religiosa, levando, sobretudo, a Academia – e conseqüentemente, a escola – a interpretar a realidade em partes desconectas e, por vezes, sectárias, fundamentalistas, com sérios desdobramentos para o equilíbrio das pessoas e o desenvolvimento da própria Humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHMCZUC, A.A. **O mito da ciência moderna**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida** – Rio de Janeiro: Jorze Zahar Editora, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA**. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOTTON, A. **Religião para ateus**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 10 abr. 2015.
- BRITTO, M. B. **Linguagem básica e leitura sistemática**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2009.
- LIRA, E. E. P. **O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis**. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/42/38>>

- McGRATH, A. **C.S.Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2003.
- PONDÉ, L. F. **Crítica e profecia**: a filosofia da religião em Dostoiévski. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ROSA, G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.